



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT MITO, IMAGEM E CENA - PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM CAMPO
EXPANDIDO – TRABALHO DE CAMPO, IMERSÕES, ITINERÂNCIAS,
AÇÕES EM TEMPO REAL

A PRESENÇA ENTRE

ANGELENE LAZZARETI

A presente comunicação reflete sobre o acontecimento teatral abordando o entre como perspectiva. O foco recai sobre a experiência do encontro, considerando a presença como um estado partilhado entre ator e espectador, desdobrando-se na produção dos próprios corpos como um estar-entre. Nesse pensamento, a presença, questão enigmática das artes da cena, não é atrelada à prática do ator como a capacidade de reter atenção do público, tampouco à recepção com o campo da subjetividade/criatividade do olhar, mas compreendida como relação. As noções de corpo, sujeito e teatro são tangenciadas pelo viés do acontecimento da experiência, indicando o entre como acesso. A reflexão dialoga com pensamentos da filosofia e do teatro, tendo como principal referencial teórico Jean-Luc Nancy e Jorge Dubatti. Palavras-chave: Entre: presença partilhada: acontecimento teatral: corpo: experiência.

RESUMEN

Esta comunicación refleja acerca del acontecimiento teatral abordando el entre como perspectiva. El foco recae sobre la experiencia del encuentro, considerando la presencia como un estado compartido entre actor y espectador, desdoblándose en la producción de los propios cuerpos como un estar-entre. En ese pensamiento, la presencia, cuestión enigmática de las artes escénicas, no es vinculada a la

- 2813 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

prática del actor como la capacidad de detener atención del público, tampoco a la recepción con la subjetividad/creatividad de la mirada, sino como relación. Los conceptos de cuerpo, sujeto y teatro son relacionados a partir del acontecimiento de la experiencia, indicando el entre como acceso. Esa reflexión dialoga con pensamientos de la filosofía y del teatro, teniendo como principal referente teórico Jean-Luc Nancy y Jorge Dubatti.

Palabras clave: Entre: presença compartilhada: acontecimento teatral: corpo: experiência.

ABSTRACT

This communication reflects about the theatrical event considering the between as perspective. The focus refers to the experience of the meeting, considering the presence as a shared state between actor and spectator, and the production of the bodies as being between. In this thought, the presence, enigmatic question of the performing arts, is not linked to the practice of the actor as the ability to retain the public's attention, either to the reception with the subjectivity/creativity of the eye, but as a relationship. The concepts: body, subject and theater are related from the experience event, indicating the between as access. This reflection dialogues with thoughts of philosophy and theater, the main theoretical reference are Jean-Luc Nancy and Jorge Dubatti.

Keywords: Between: shared presence: theatrical event: body: experience

Os pensamentos aqui expostos são parte da pesquisa de doutorado que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que aborda o acontecimento teatral a partir da perspectiva do *entre*. O foco da investigação é a experiência do encontro, considerando a presença como um estado partilhado entre ator e espectador, desdobrando-se na produção dos próprios corpos como um estarentre. Nesse

- 2814 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

pensamento, a presença não é atrelada à prática do ator como a capacidade de reter atenção do público, tampouco à recepção com o campo da subjetividade/criatividade do olhar, mas compreendida como relação. A presente reflexão é fundamentada principalmente nas obras de Jean-Luc Nancy como *Corpo fora* (2015), *Ser Singular Plural* (2006), *Corpus* (2000), *El sentido del Mundo* (2003), *Um sujeito?*(2014) e *Um pensamiento finito* (2002), *O peso de um pensamento* (2011).

O corpo é o primeiro tema a ser abordado e que, em correspondência, se encontra no cerne das discussões no âmbito da pesquisa em artes cênicas, uma vez que as investigações acerca do ator, dançarino, performer, artista circense, diretor, coreógrafo, espectador, professor, técnico, músico, cenógrafo, entre outros envolvidos no campo, referem-se, antes da abordagem direta à sua função, a uma compreensão contextual da noção de corpo ao qual estão atrelados. São corpos antes de acenderem aos seus papéis. Essas concepções, por sua vez, são influenciadas por movimentos de diversos campos e sua problematização é de fundamental relevância para as artes da cena que consideram a criação que possui lugar no corpo do artista e as práticas de encontro entre (os corpos de) artistas e espectadores, o que pressupõe a base do acontecimento cênico/teatral.

Em seguida, se faz pertinente apresentar a ideia de *entre* estudada por Jean-Luc Nancy, no intuito de fundamentar a reflexão acerca dos processos relacionais estabelecidos no acontecimento teatral que promovem um estado partilhado de presença. Esse movimento desdobra-se na produção dos corpos como ser-entre que considera a singularidade concebida a partir da pluralidade entre os corpos-sujeitos implicados. Para refletir a operação entre os pensamentos, a noção de corpo-teatro realiza uma espécie de atravessamento entre as ideias e estimula um olhar político ao acontecimento teatral a partir da perspectiva do *entre*, evitando o binômio de análise artista versus espectador, criação versus recepção, etc.

- 2815 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Corpo, entre e singularidade em Jean-Luc Nancy

Para Jean-Luc Nancy, o corpo é questão basilar desde o princípio de sua produção teórica, segundo a qual um corpo é sempre corpo-sujeito, reafirmando a oposição ao pensamento dual cartesiano que partimenta mente e corpo. O corpo é sempre matéria e imaterialidade, ou ainda, existência encarnada como afirmou Maurice Merleau-Ponty, que muito trabalhou em prol da superação das dicotomias da tradição filosófica. Destaca-se nesse panorama, o forte movimento em direção a uma ontologia da existência calcada no corpo, disparada principalmente por Heidegger com a ideia de ser no mundo, perpassando por Merleau-Ponty com sua fenomenologia-vivencial encarnada e chegando a Nancy, que junto a Derrida, concebe no *tocar* o sentido de corpo-sujeito em presença. O pensamento a respeito do corpo delineado por Nancy, assim como grande parte das obras filosóficas, se constrói tanto como reação a compreensões fixadas, nesse caso sobre a ideia de corpo e sujeito, quanto como desenvolvimento conseqüente de profundos estudos e avanços reflexivos alcançados por seus predecessores. Não são, portanto, reflexões avulsas, uma vez que participam de um largo processo de desenvolvimento de teorias que excedem uma a outra, que se correspondem no decorrer dos períodos e a partir da inserção de novas hipóteses, sofrendo, inclusive, influências de distintos campos relativos a cada contexto, que inferem mesmo que indiretamente a concepção dos estudos.

A partir da pesquisa sobre a obra de Nancy, junto a suas referências e correspondências filosóficas, o corpo será concebido na presente reflexão como aquilo que posso ver e que está delimitado por minha pele, mas também como aquilo que não posso ver (meus pensamentos, sentimentos e sensações) e que está para além dessa borda visível. E será compreendido ainda, como aquilo que está em seu entorno, e as relações que ali se estabelecem (e como se estabelecem). “O vazio, o espaço, o tempo, o sentido e a relação- cinco termos cuja conexão pode

- 2816 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ser vista sem dificuldade: eles são a quintupla determinação do entre-corpo” (NANCY, 2015 p. 7). Sou fruto dessas relações e potencializador delas como corpo-sujeito, o sentido que construo dessas relações só tem lugar no corpo, considerando que todo pensamento é de um corpo, é corpo.

Segundo Nancy, corpo é ser extenso, extensão sentida como corpo, é o que sente e o que é sentido de uma só vez. O corpo está sempre fora, ultrapassando o jogo dicotômico interior-exterior e abrangendo as camadas visíveis, invisíveis e o entorno relacional, conforme mencionado. O único dentro possível do corpo são os órgãos e suas funções, mas para apresentar esse dentro como corpo é preciso violentar, às vezes mais, às vezes menos, o próprio corpo.

O mundo é tecido pelos toques dos corpos- o ar o som, os sensores, aromas e todas as outras modulações da matéria que tecem incessantemente o tecido do espaço. Corpos entre si partilhando o seu entre, o seu com, o seu contra. Meu corpo não é minha pele virada para fora, ele já é ele mesmo o fora em relação a mim, o fora em mim e para mim- exposto a mim por mim mesmo, por me distinguir da unidade. Estranho estrangeiro para os outros e de início a esse outro que eu me torno graças a ele. Onde sou em meu pé, em minha mão, em meu intestino, em minha orelha? Quem sou sobre os contornos dessa boca que diz eu? (NANCY, 2015 p. 46).

A partir desse ponto, o estudioso esclarece que existir significa distinguir-se do nada e de outras existências, considerando que um único existente é impossível, não haverá nunca um corpo sem outros corpos. A exposição dos corpos é o que estabelece suas relações, os corpos estão sempre expostos uns aos outros. “Um corpo não ‘é’ no sentido que se costuma supor que uma coisa ou um conceito ‘é’- posto delimitado, estabilizado em algum lugar” (NANCY, 2015 p.7). Só existe *eu*

- 2817 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

porque existe *nós*, só existe o *um* porque há o *outro*. Já que não é possível falar de um corpo isolado, mas sempre de corpos uns com os outros, a premissa adotada por Nancy defende que a exposição é anterior à identificação. Estamos expostos a outros corpos e a nós mesmos. Ex postos. Essa exposição só é possível como exercício de alteridade, refutando a ideia de um indivíduo central e isolado dos demais, protegido em si, delimitado.

Para tratar do tema, em *Ser Singular Plural* (2006), o filósofo desenvolve uma das noções mais importantes de sua obra, a ideia de ser-com ou serentre, esclarecendo que existência é o que partilhamos, não como propriedade que tenhamos em comum, mas que o ser é *em comum*. Não se trata de pensar um grande sujeito coletivo substancial ou sujeitos justapostos que partilham uma essência comum, mas como o espaço *entre* que se abre na relação de cada ser singular. Participação como exposição do ser, na qual afetamos e somos afetados, uma ideia de comunidade como ser da relação a qual partilhamos e não um aspecto comum a todos, que legitima uma definição fixa e, por consequência, a exclusão das demais. Não se tratará de igualdade, mas de partilha e copertença dos sentidos. Desse modo, o plural precede a singularidade e a torna possível por um diferir entre singularidades. Qualquer orientação de si e do mundo com o processo de elaboração de significações e

representações se dá como fruto das relações entre os corpos-sujeitos.

O ser ou o entre compartilha a singularidade de todos os surgimentos. A criação tem lugar em todas as partes e sempre- mas não é esse o único acontecimento, senão a condição de ser cada vez que o é, e de não ser o que é mais que cada vez, surgindo singularmente a cada vez. (NANCY, 2006 p. 145)

- 2818 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

O ser nesse pensamento não é uma coisa, senão um lugar e não é um ponto, senão um círculo. Para Nancy, surge outra existência fora do “eu mesmo” onde participam “tu e eu” não em relação de comunhão, mas de comunicação, de modo que a relação com o outro faz parte da orientação sobre si. Logo, o corpo não pode ser tido enquanto posse.

La apertura del cuerpo, su constante sentir el sentido en el acontecimiento en que este se da y se retira conlleva que el cuerpo siempre este viniendo. Los cuerpos forman, conforman y deforman el mundo, porque todos los cuerpos pesan unos *sobre* otros y unos *contra* otros (NANCY, 2003 p.72).

Este é o limite próprio de toda a singularidade. Não se trata de um vínculo social, mas existencial primeiro, questão que ultrapassa a fundação das grandes generalidades. Estar exposto carece que se esteja exposto “A”, esta necessidade de um plural é anterior à ontologia fundada no indivíduo e em sua singularidade interiorizada. A singularidade não é, nesse pensamento, uma interiorização de si em si, mas se mostra como alteridade, pois se dá como diferenciação que, para existir, precisa de um a que se diferenciar. Singularizome em diferenciação a outro singular, me singularizo com relação a ele e ao mesmo tempo a mim. Então este limite (ou este *entre*) é o lugar das singularidades que necessitam do plural para existirem como singulares. É singular, pois não se confunde com outra coisa e é plural, pois sua existência não existe encerrada em si- existe aberta ao outro. Por esse motivo, para Nancy, não existe uma única realidade, assim como não existe única singularidade, único corpo, única arte, única religião, única cultura, etc.

Não só toda gente é diferente, senão que todos diferem-não de nada e sim um dos outros. Não diferem de um arquétipo ou de uma generalidade. Os traços típicos (sejam



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

étnicos, culturais, sociais, de generalização, etc.) cujos esquemas próprios constituem por sua parte outro registro de singularidades, não só não suprimem as diferenças singulares, mas as colocam como um relevo. Enquanto que as diferenças singulares não são só individuais, mas infraindividuais: nunca é a Pedro ou a Maria que eu encontro, senão um ou outro em tal forma, em tal estado, com tal humor, etc. (NANCY, 2006 p. 24)

O pensador enfatiza que o com é anterior ao ser. O *sou* é substituído (ao menos em ordem temporal) pelo *somos*. O ser-entre é concebido como relação, considerando que a relação por sua natureza altera a identidade como fato dado. A comunidade de Nancy não é uma redoma que protege o sujeito dentro de um coletivo maior, mas algo que o expõe para fora de si, em contato com o outro. E todo contato é também um contágio. A identidade para o filósofo não é uma propriedade, estamos expostos a uma infinita alteração na qual o outro é parte da estrutura do si mesmo.

É possível exercitar este pensamento, considerando a sua densidade, esclarecendo que toda relação é um jogo de proximidade e distância. Ser fruto e potencializador das relações não remete apenas a disposição de corpos e coisas, mas a forma como nos percebemos se dá pelo acontecimento das singularidades que necessita antes de uma exposição ao plural, aos outros. Por este motivo, nenhuma definição está acabada: formular aquilo que sou é fazer a relação do que sou e isso sempre se dá em relação (por proximidade e distância). “Há proximidade, mas na medida em que o extremo do próximo acusa a distancia que o aumenta. [...] Entrar em contato significa dar-se sentido um ao outro”. (NANCY, 2006 p.21) A auto-orientação se faz por esses jogos de relação de forma mais existencial que topológica. Exemplos: “Estou sentada nesta cadeira, muito próxima dela, ao mesmo tempo em que



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

distante de sua constituição atômica”; “Somos brasileiros, tanto quanto de estados diferentes, e de cidades, bairros e casas diferentes”; “Nós dois temos cabelos, tanto quanto os seus são curtos e os meus compridos”; “Nós todos temos um gosto pelas artes cênicas, tanto quanto essas afeições se diferenciam em vertentes e escolas”. A auto-orientação se trata de construir um sentido para si que só existe em relação ao outro e que não permanece. Nancy aclara que o espaço *entre* que se abre na relação plural é a forma de acesso do sujeito a si mesmo, pois é o modo como se percebe, identifica e diferencia, considerando que realiza esse processo tanto com relação ao outro, quanto em relação a si. O *entre*, nesse sentido, não é apenas partilha voltada ao plural, mas também forma de acesso a si como singular.

No hay, absolutamente, “el ser” y después la relación. Hay “ser”, el verbo donde el acto y la transitividad se forma enrelación(es) y no se forman más que de esta manera. Cada “yo” es y no es más que el acto de su relación tenida (tensada) hacia el mundo –hacia eso que nombramos “lo otro” y donde la alteridad se revela en el toque o bien como toque (NANCY, 2010 p. 7)

Diante dessa reflexão, como pensar sobre uma alternativa ontológica, considerando o ser de forma não fixa, mas sem anulá-lo ou suprimi-lo?

Se admitirmos que somos feitos de relações, mas desde já as incluindo junto aos processos espaço-temporais que toda relação pressupõe, se torna possível uma hipótese. Assim, é efetivo focar não somente sobre o que sou em relação ao mundo e aos outros, mas também a respeito do que sou em relação ao tempo-espaço da relação, enquanto ela acontece. A partir da pluralidade, *eu* sou também a singularidade de um tempo e espaço específicos. Relações assim meditadas operam por unicidade, no sentido de não se repetirem idênticas jamais, seja pela alteração entre os corpos-sujeitos, ou do espaço ou do tempo. Essas experiências

- 2821 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de singularidade não são ações duplicáveis, exercitáveis por repetição, são acontecimentos e por esse motivo não duram (até solidificar-se fixamente em mim como característica, a menos por uma ação de esforço).

É inegável também o teor político presente na reflexão de Jean-Luc Nancy que inclui sua obra sempre em relação ao estrangeiro, ao outro. Ao tratar sobre o sentido de democracia, levanta questões sobre o perigo da igualdade- seria feita a que modelo na atualidade?, promovendo uma reflexão que realoca o sujeito em um lugar de responsabilidade voltada à comunidade, como ser em comum, substituindo comunhão de iguais por comunicação entre diferentes. A pluralidade, condição de acesso a si como singular que só pode se singularizar em relação a outras singularidades, produz um olhar atento ao *entre* que se abre como partilha da existência- não como propriedade comum, mas como criação que realizamos em comum. Existimos, segundo este pensamento, ex postos uns aos outros, sob o olhar uns dos outros. Essa questão remonta ao teatro, onde temos o corpo do ator que se apresenta ao corpo do espectador, corpos sujeitos que se expõem uns aos outros, uma relação na qual algo se cria, algo acontece.

Corpo-teatro em direção à presença: Trajeto político do acontecimento teatral

A partir da exposição inicial a respeito do pensamento de Nancy é possível delinear alguns aspectos em relação ao teatro, considerando como norteadora a ideia de corpo-sujeito que concebe seu ser em relação, na qual o *entre* se torna acesso a si e a criação artística. Destaco como pesquisadora do campo, a imprescindível necessidade de pensarmos a arte que se produz em relação aos movimentos dos diversos âmbitos que constituem o espaço e tempo nos quais a prática artística está inserida. Para tratar do teatro e falar de corpo-sujeito no teatro, tanto no processo de criação quanto de recepção, torna-se relevante a ciência sobre a rede de interações que influenciam as compreensões dessas noções. Ressalto a

- 2822 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

necessidade emergente de pensar sobre a arte que não existe encerrada em si e para si, senão como produto de seu lugar e, simultaneamente, produtor desse mesmo lugar enquanto ética primeira. As formas como o corpo-sujeito é apresentado nas práticas teatrais, seja como criação (o corpo-sujeito como é mostrado em cena) ou como apresentador (é antes um corpo-sujeito aquele que apresenta) é fator a ser destacado na presente reflexão, considerando o teatro como espelho e

produtor dessas imagens em relação à sociedade.

No momento presente, a cena teatral é tocada por questões que engessam e qualificam modos de identidade e necessita responder a um chamado do qual é tanto produto, quanto produtora. A exemplo de muitos estudos da atualidade do campo das Ciências Humanas, com as questões étnicas, de gênero, cultura e nacionalidade, são debatidos processos de subjetivação e modos de interação entre diferentes padrões identitários. O forte reflexo dos movimentos de territorialização calcados na ideia de proteção dos iguais a partir da distância em relação aos diferentes tenciona o sentido de história, evidenciando rastros de narrativas dominantes que chegam à base estrutural da linguagem. E se as identidades como grandes edifícios definidos já não cabem em modos de ser da contemporaneidade, é a alteridade que chama um olhar atento ao outro como parte fundante de si.

Trata-se da abertura ao múltiplo como processo de existência. Por esse fator é relevante destacar também outra correspondência, o ator é aquele que, desde muitas épocas, trabalha justamente sobre os muitos em si- personagens, personas, tipos, até a autoficção. Pensar o teatro como lugar de espelho e produtor de imagens que serão, por sua vez, refletidas em outros espelhos é questionar também sobre como essas identidades são representadas, considerando aqui as possibilidades de aproximação entre representação e representatividade. Assim,

- 2823 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

podemos pensar, que a prática teatral, ao apresentar os seus corpos ao olhar de outros, ex postos, transformase também em signo de existência. Esse fator desdobra-se no direcionamento do foco ao acontecimento teatral, onde temos o encontro entre os corpossujeitos que, em relação, constroem a realidade-teatro que só existe enquanto teatro no momento do acontecimento mesmo.

Jorge Dubatti, estudioso da área das artes cênicas, recorda sobre a origem da palavra teatro, esclarecendo que:

teatro significa lugar, um mirante onde alguém vai ver algo que aparece. Por outro lado, há a atividade de olhar. Portanto, na palavra teatro estão inscritos o território, o objeto observado e o observador (DUBATTI, 2014 p. 254).

O teatro, nesse sentido, é um território que não está pré-definido, mas que surge no acontecimento do olhar, na relação estabelecida entre “observado e observador” que, de acordo com essa reflexão, existe somente no tempo do acontecimento mesmo. Um fenômeno que aparece e desaparece no acontecimento, por meio da relação estabelecida entre os envolvidos, portanto, irrepitível. E uma vez que surge, não se conserva como bem disponível para acesso, independente das possibilidades de registro.

Dubatti traz a ideia de convívio como o retorno do teatro a sua matriz original. Isso porque resgata relações fundadas na presença não mediada entre o corpo do ator e o corpo do espectador e ainda, dos técnicos envolvidos. O teatro, por conta das características relacionais e fugazes, pode ser meditado a partir da perspectiva do *entre*. O cinema e a TV, assim como as artes visuais, potencializam também um *entre*, porém ele se dá com o espectador e a obra como objeto. No teatro, essa relação engloba os espectadores, os artistas e técnicos, a criação conjunta e em curso do objeto de arte e dos próprios corpos-sujeitos, no tempo e no espaço, a partir da relação estabelecida nesse encontro. Dubatti, assim como outros

- 2824 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

estudiosos da área, ressalta sobre o compromisso do teatro para com um reparo da ligação social entre os sujeitos, fundada na relação de presença entre eles. Fala-se da restituição do ato coletivo como compromisso social do teatro, uma postura política que está mais na natureza do teatro como matriz, que nas temáticas que podem ser abordadas por meio dele.

O *entre* pressupõe uma política, há troca e atrito em uma zona que possui temporalidade e espacialidade própria, mas que não se encerra como território fixo passível de definições permanentes. Aprofundando o teor político do pensamento, Jean-Luc Nancy traça a noção de corpo-teatro como metáfora para pensar o ser-entre que almeja desenhar em sua obra. Explana que o ator, ao mesmo tempo em que contracena, (se relaciona com o outro ator ou sua ação cênica, seu texto e objetos) está sempre se relacionando, simultaneamente, com a cena como acontecimento que está sendo construído. O dançarino, ao mesmo tempo em que dança, executa coreografias ou improvisa, se relaciona com a dança como obra, para qual é um agente da criação. Há um senso ético que une o “que” e o “porque” em um único movimento, a responsabilidade sobre si e suas relações, reflete-se simultaneamente na construção do acontecimento como um todo do qual participa. “Relacionando-se uns aos outros, os seus atores se relacionam todos juntos com a própria cena” (NANCY, 2015 p. 15). Os sujeitos se relacionam, ao relacionarem-se uns com os outros, com o próprio *com* que produz a relação. Para o pensador, eles não apenas existem segundo ou a partir deste *com*, mas como este *com*. O teatro, pensado dessa forma, promove a partilha de presença que une em um movimento duplo as relações entre os corpossujeitos e a criação artística do acontecimento. Presença que até hoje não pode ser precisamente localizada e isso se deve, justamente, porque é antes uma relação que uma coisa.

Nancy relaciona a presença com a ausência e trata da impossibilidade de agarrar a presença como coisa, em termos de apropriação ou definição. Essa questão é

- 2825 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

análoga a muitos estudos teatrais que tentam definir a presença sem encontrar parâmetros estáveis para tanto. Como consequência, a maior parte dessas reflexões trata da questão a localizando na prática do ator e em sua capacidade de reter atenção do público, como a possibilidade de gerar ou ter presença, aptidão exercitável ou correspondente a uma performance virtuosa. Entretanto, para Nancy, a presença remete antes a uma operação relacional dupla, de ida e vinda, que a uma característica disponível ou adquirível por aperfeiçoamentos técnicos, por exemplo.

Esta vinda é igualmente um <<ir-se embora>>. A presença não vem sem apagar a Presença que a representação pretenderia designar (seu fundo, sua origem, seu sujeito). A vinda é uma <<ida e vinda>>. É um vai-e-vem, que não excede em parte alguma o mundo em direção a um Princípio ou em direção a um Fim. Mas este vai-e-vem compreendido no limite do mundo é o próprio mundo, é a sua vinda, é a nossa vinda a ele, nele (NANCY, 2011 p.117).

A clausura vivida no Ocidente, segundo Nancy, trata-se da tentativa de representar e significar o irrepresentável: a presença, a ausência e o próprio sujeito, mesmo que esses não sejam elementos representáveis. A representação tenta representar o seu limite, aquilo que não pode alcançar como representação, apenas como outra coisa. Mas se não é possível significar a presença, se ela é uma alternativa à significação, de que forma tratá-la? Como alcançá-la de outros modos que não pela atribuição de definições e interpretações? Como pensá-la, praticá-la, percebê-la? Nancy se dedicou muito sobre as questões aqui colocadas.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

O impasse apontado não se refere à ultrapassagem de um pensamento, como uma afirmação que excede a afirmação anterior (o pensamento da presença superando o pensamento do significado ou da representação, por exemplo). Não se trata de abordar pensamentos como produtos a serem superados, mas antes, de investigar como opera o pensamento. Nancy se detém sobre como opera o pensamento e não aos frutos dessa operação como alternativa para a tentativa de não significar ou estabilizar a presença como único meio de chegar até ela. Para ele, a forma como opera o pensamento foi também instituída histórica e culturalmente, tanto quanto alguns pensamentos foram, tornando-se verdades dadas, inquestionáveis elementos que fazem parte da estrutura a partir da qual, posteriormente, percebemos o mundo e a nós mesmos.

A presença é nascimento, sempre uma vinda que borra a si mesma. “Nascer é encontrar-se exposto, *ex-istir*” (NANCY, 2011 p.116) O nascimento é aquilo que surge e se apaga no seu próprio movimento e nada preexiste ou compete fora desse movimento (não há verdade a ser buscada para além dele, antes ou após o movimento).

A presença não é dada senão nesse surgimento e neste franqueamento que não acede à outra coisa senão ao seu próprio movimento. Pode muito bem dizer-se que <<Eu = Eu>>, mas Eu não terá preexistido ao nascimento, de onde também não sairá: ele nascerá ainda para sua própria morte. [...] Nada terá preexistido ao nascimento, e nada lhe terá sucedido. Ele <é> sempre, ele não <é> jamais. Nascer é o nome do ser (NANCY, 2011 p. 117).

Para que uma criança possa nascer, vir ao mundo, o nascimento precisa ocorrer e para que ela nasça, chegue, o nascimento igualmente precisa acabar. A presença é

- 2827 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

aquilo que faz com que algo *seja* e que para fazê-lo se desfaz a si. Não é o que ela faz nascer que desaparece, senão ela mesma que se retira, sua manifestação no momento desse aparecimento se dá em ausência. Por esse motivo não pode participar de uma estrutura de diferenciação dual entre cultura de sentido e cultura de presença como pretende Hans-Ulrich Gumbrecht.

Nesse contexto, a presença não pode ser agarrada, pois é ela que se apresenta como toque, presença como toque que produz sentido no corpo e que faz com que ele seja sentido como corpo. A saudade, por exemplo, existe como a presença de uma ausência. Sem a ausência, não há presença da saudade. Trata-se de um ter lugar, considerando que o sujeito precisa excluir a si mesmo para dar lugar ao que o faz existir, (nos excluímos todo o tempo, células morrem, urinamos e evacuamos, considerando que o que é excluído é também corpo). Nessa hipótese, a resposta sobre a presença está no próprio corpo, tema tão caro a essa reflexão. Outro exemplo está na memória, que para ser memória, necessita da ausência do fato que a produziu. E se a memória é recriada no presente, é graças a uma ausência que será sempre presente para a possibilidade da sua existência como memória (note-se que a

ausência é presente).

Se pensarmos na presença como nascimento e no acontecimento teatral como a relação estabelecida entre ator e espectador, o que nasce desse encontro é justamente aquilo que se dá em estado de partilha. Participam desse nascimento de presença os sujeitos expostos que criam, ou fazem nascer, a obra artística e os seus próprios corpos-sujeitos em processo de singularização com relação aos outros e ao objeto artístico. Esse objeto, em estado de nascença, acontece em fugacidade por um estado partilhado concebido nas relações que se estabelecem ali e não permanecem de nenhum outro modo que se equipare ao acontecimento. Possui-se como tangível para análise, nesse processo, mais os impactos do

- 2828 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

acontecimento e as suas reverberações nos corpos do que o que ele foi, independente das técnicas de registro disponíveis. Rastros do teatro como parte integrante de uma memória que oferece um mirante apenas quando o olhar até ele é ativado, um lugar que desaparece no tempo que o cria. E a memória que habita esse olhar ao mirante, o faz enxergá-lo teatro como reativação de um mundo de outros mirantes-teatro, que sobrevivem em memória e são por ela recriados em camadas infinitas. O que temos diante da memória e do teatro é somente o que agora somos: o que daquilo que somos permaneceu, desapareceu ou se transformou.

A noção de efeito de presença, se livre do par causa-efeito, pode ser um caminho de relação interessante como próximo passo dessa reflexão. Isso porque a caracterização de um efeito, geralmente, se dá como alteração entre estados, sugere um nível de afetação corporal, como sofrer efeitos, experienciar. Nesse sentido, a presença não seria um efeito em si, mais uma vez, mas antes a produção dele, exatamente como a relação entre os estados corpóreos no movimento de sua afetação em relação a algo. Como o ato da relação que se desfaz, pois já temos logo o seu efeito, que em seguida se transformará. O efeito de uma presença seria o sentido que não permanece a um significado. Nesse movimento, a única presença que pode permanecer é a ausência do processo como bem disponível, ainda que seja possível sentir suas marcas no “produto”. O que é sentido não é a presença em si, mas o rastro de algo que já se retirou e deixou outra coisa em seu lugar: um corpo, mas como um outro corpo.

A partir desse estímulo, é possível problematizar não necessariamente o pensamento exposto em cena, mas a operação, a forma como a própria cena é realizada e como ela proporciona relações de criação e nascimento- do acontecimento de um objeto artístico, mas também do acontecimento dos corpos, *entre* os corpos. E nesse sentido, a presença como possibilidade de operação e não

- 2829 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

como objeto localizável na performance do artista ou na subjetividade do olhar espectador. Antes uma relação que promove relações, o nascimento de algo que depende da relação entre os corpos-sujeitos.

O corpo-sujeito de Jean-Luc Nancy é um corpo-teatro que, ao se relacionar com outros e consigo, se relaciona com o que é criado por essa mesma relação- o que excede um e outro, conforma o espaço e o tempo nos quais estão inseridos como cocriadores. É um ato de presença disparando um nascimento que se retira ao expor a criação, exposta como manifestação daquela presença agora ausente. Esse processo sugere uma alternativa à ideia de realidade fixa e instaurada, indicando uma postura ética dos sujeitos que participam de relações de duplas direções. O corpo-sujeito produz sua singularidade ao mesmo tempo em que participa também como produtor da pluralidade que possibilitou e possibilitará a singularização. Esse aspecto ultrapassa o parâmetro individualizante, reverberando relações autônomas que concebem realidades próprias de cada relação, na qual participam os corpos-sujeitos junto às suas camadas (visíveis, invisíveis e do entorno).

Corpo-teatro é também um passo em direção ao sentido de ética em Emmanuel Levinas. A abertura ao outro como processo reverso da ontologia primada no indivíduo encerrado em si, habitante de uma realidade instaurada por poderes superiores (estatais e divinos), sobre a qual ele não possui capacidade de influência dada sua distância em relação às coisas do mundo. A ideia inclusa na noção de corpo-teatro subverte as normas reguladoras das realidades sociais, resiste como potência, mas só encontra na relação entre os corpos-sujeitos a tangibilidade de sua presença. A exposição que precede a identificação promove um estado de indeterminação próprio da arte, mas que necessita de outras formas de operação de pensamento para difundir-se. Isso porque o que afeta o sujeito nas relações, a partir dessa proposta, não o afeta em função de uma concepção (inclusive biográfica)

- 2830 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

anterior, capaz de automatizar o processo, ele precisar estar antes de ser (primeiro está, depois é).

A partir da inspiração em Nancy é possível refletir que o que o teatro indica é que algo pode ser sempre criado e recriado. Plural e singular, por vezes nessa ordem, outras simultaneamente, conectam o visível, o invisível e o seu entorno. Ao estar expostos uns aos outros, ator e espectador reafirmam e

recriam suas funções e corpos, no território-mirante que existe somente a partir deles naquele tempo e espaço, criado no nascimento que produzem em comum, realidade teatro do acontecimento. Sustenta-se uma relação de contato entre um ator que se torna espectador de seu espectador e de um espectador que participa, como um ator, da criação de um acontecimento de presença.

Em tempos sombrios nos quais fronteiras e delimitações se reerguem diante de nossos olhos, partilhar algo é um ato político que não pretende uma igualdade como borrão homogeneizador, mas antes, o lugar da diferença, que pela pluralidade permite singularizar. O que se concebe, antes de uma obra cênica, é uma possibilidade de existência. Não se trata aqui da arte produzida por artistas e “levada” ao público, o que se concebe como teatro, não será da propriedade de um grupo ou conceito, pois não se dá unicamente como produto de ensaios ou teorias, senão como acontecimento de partilha, que necessita do contato com o outro para se realizar. Os corpos sujeitos dos artistas que se expõem (de distintas formas) em cena, o fazem em direção aos corpos do público, também expostos nesta zona de contágio que é o *entre*. Como um corpo-teatro, não há uma capacidade que exista independente em nenhuma dessas partes que não alcance sua potência no encontro delas.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. El tocar, Jean-Luc Nancy. Amorrortu, Buenos Aires, 2011.

DUBATTI, Jorge. Concepciones del teatro. Colihue, Buenos Aires, 2009.

DUBATTI, Jorge. Teatro como acontecimento convival: uma entrevista com Jorge Dubatti in Urdimento, v.2, n.23, p 251-261, dezembro 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença. Contraponto, Rio de Janeiro, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Ser y tiempo. Trotta, Madrid 2003.

LEVINAS, Emmanuel. De la existencia a lo existente. Arenal, Madrid, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. Perspectiva, São Paulo, 1971.

NANCY, Jean-Luc. Corpo, fora. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2015.

NANCY, Jean-Luc. O peso de um pensamento, a aproximação. Palimage, Coimbra, 2011.

- 2832 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

NANCY, Jean-Luc. Ser singular plural. Arena Libros, Madrid, 2006.

NANCY, Jean-Luc. The birth to presence. Stanford University Press, 1993.

NANCY, Jean-Luc. Corpus. Fordham University Press, New York, 2008. NANCY, Jean-Luc. El sentido del mundo. La marca, Buenos Aires, 2003.

NANCY, Jean-Luc. Ser singular plural. Arenal, Madrid, 2006.

- 2833 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG